

## Capítulo 1

*Em Lhasa, é costume o viajante vir a esta capela antes de iniciar a sua viagem*

O menor dos dois chineses põe uma mão no cinto dele à altura da sua pistola.

O outro olha em redor com extrema cautela, depois move-se cuidadosamente em direção ao beco escuro. No momento seguinte, volta para trocar algumas palavras com o seu colega de equipa.

Os dois soldados retomaram a sua marcha na rua principal para se misturarem com a multidão ainda numerosa a esta hora tardia. Já passa um pouco das 23h.

Num beco, de baixo de um alpendre, destaca-se uma silhueta. Ela dá alguns passos, vira à esquerda, e desce um lance de escadas antes de tomar outro caminho, muito mais animado. Ela desaparece na praça do mercado. Duzentos metros mais adiante, ela reaparece para entrar em uma passagem discreta e se encontrar em um beco na periferia da cidade, não muito longe do acampamento militar chinês. Agora ela está avançando, ao longo das paredes. Pela luz de uma lâmpada, pode-se ver um homem forte. Ele está carregando um maço.

Este homem caminha ao longo de um parapeito por duzentos ou trezentos metros. Ele se encontra perto de um lago no qual, naquela mesma tarde, duas conchas de morteiro, disparadas pelos chineses, caíram. Isso não fica longe do portão norte de Norbulinka, o Palácio de Verão. Então ele chega a entrada da capela de Mahakala, a deusa guardiã pessoal de Dalai-lama.

Em Lhasa, porque estamos na capital tibetana na noite entre os dias 17 e 18 de março de 1959; em Lhasa, é costume o viajante vir a esta capela antes de iniciar a sua viagem.

Depois de um momento de hesitação, o desconhecido empurra a porta pesada, não sem antes dá uma olhada preocupada por cima do ombro. O painel se move com um longo e sinistro ranger. No interior muitos monges de vestidos amarelos e vermelhos cantam ao pé da estátua do protetor. Candeeiros de manteiga, em tigelas de ouro e prata, iluminavam toda a sala, sombras estranhas dançavam fazendo sombras estranhas dançavam nas paredes. Um forte cheiro de incenso fluía no ar. No altar, uma oferta de chá e manteiga espera num prato finamente decorado com flores pintadas.

O homem de vestido de camponês, pouco iluminado pelas luzes, caminha em direção ao altar, seu pacote ainda cuidadosamente pressionado contra o peito. Ele curvou-se várias vezes. Desembaraça um conteúdo do pacote e remove um par de calças pretas, uma jaqueta do exército chinês, um longo casaco cinza, um chapéu de pele e um pedaço de lona enrolada. Ele coloca essas roupas aos pés do altar antes de recolher o pedaço de pano usado como embalagem. Atrás dele, um monge pega uma flauta de latão e uma longa nota de lamentação enche a sala. Os címbalos se chocam. Então, o desconhecido sai da capela sem perceber a sombra escondida por uma grossa cortina azul...

Depois chega outra figura. A seu lado andam quatro homens.

O recém-chegado é jovem. Entra na capela e, enquanto os monges ainda estão recitando suas longas orações, ele coloca no nariz óculos de aço redondos.

Todos os Tibetanos o reconhecem imediatamente. É o Dalai-lama !

O Dalai-lama caminha até ao altar. Pega na roupa deixada ali pelo seu irmão mais velho. Volta-se para os monges que não deixaram de rezar, e veste-se com as calças, casaco militar e chapéu de raposa. Por cima do seu ombro esquerdo, colocou uma velha thangka enrolada que pertencia ao segundo Dalai-lama. Este traje, totalmente incomum para sua posição, deveria fazê-lo passar despercebido nas ruas da cidade, especialmente enquanto enfia seus óculos redondos no bolso. Ele se encontra com o Sherab na saída. É ele que acaba de sair de trás da grossa cortina azul. Surpreendido, o Dalai-lama dá um passo atrás. O adolescente se curva.

— Eu sei quem você é, disse ele. Ó Senhor, eu também sei que a fuga é esta noite. Quero fazer parte de sua tripulação e acompanhá-lo à Índia e mais além, se necessário...

— Mas você parece tão jovem para mim!

— Tenho 14 anos de idade e toda a minha família foi massacrada pelos invasores chineses. Estou sozinho no mundo.

Um dos monges se aproximou. Ele sussurrou algumas breves palavras ao Dalai-lama, depois Sherab voltou para trás da cortina e o líder espiritual deixou a capela.

Ele para nas escadas. O ar é fresco, mas a cidade inteira está presa em uma auréola de neblina. Uma forte névoa cinza persiste há vários dias. Isto não é comum em Lhasa, chamada Cidade do Sol.

As ruas movimentadas estão cheias de uma multidão numerosa que veio assistir às suntuosas festividades de Ano Novo. Há também milhares de refugiados acampados na periferia da cidade. Todos fugiram das

atrocidades cometidas pelos soldados de Pequim. Desde 1950, o exército chinês tem ocupado a parte oriental do país. Outra razão para esta história é que os chineses convidaram o líder tibetano para assistir a uma apresentação teatral em sua principal base militar fora da capital. Os tibetanos vêem isto como uma armadilha, especialmente porque o Dalai-lama é convidado a vir sozinho, desarmado e sem um guarda-costas. A população corre ao redor de Norbulinka para proteger o dignitário. Da mesma forma, nas ruas de Lhasa, reina alguma confusão, especialmente porque os tumultos violentos haviam sido severamente reprimidos na semana anterior.

O Dalai-lama está tremendo de frio no ar gelado. Ele desce lentamente as escadas para se juntar aos seus guardas na rua. Todos estão vestidos como soldados chineses. Até mesmo o Dalai-lama recebeu um rifle. O Sherab, por sua vez, deixa a capela. Ele se dirige ao mercado. O Dalai-lama e sua pequena escolta estão se dirigindo para o portão do complexo interno. Eles foram ao encontro do Grande Camareiro e do chefe da guarda pessoal do soberano. A marcha deles é retardada apenas pelos restos das barricadas erguidas pelos signatários de uma petição exigindo a partida das tropas chinesas.

É quase meia-noite do dia 17 de março de 1959. O Dalai-lama, deus e rei, está prestes a deixar sua capital sob os olhos dos chineses.

\*

Um pouco mais tarde, Sherab está sentado a uma mesa em uma pequena taberna não muito longe do portão norte. Apesar da abundante fumaça de tabaco que envolve os muitos homens que bebem cerveja ou arak no hubbub, ele pode ver através de uma janela, estreita as luzes do Potala, o imponente palácio de inverno dos lamas do Telhado do Mundo. O enorme edifício construído na montanha vermelha domina toda a cidade dos deuses. Atrás das paredes grossas, sobrevoadas desde o amanhecer por aves com penas prateadas, estão lojas de cereais e carne seca, mas sobretudo o mosteiro da vitória, que abriga cento e sessenta e cinco monges, dezenas de oficiais e várias capelas. Todo o prédio, com paredes e telhado branco, vermelho e ocre, domina a cidade com seu tamanho imenso com suas mil salas espalhadas por treze andares, mas esvaziadas de seus cem mil livros e documentos históricos, suas jóias e estátuas, a própria essência do que foi durante três séculos o centro intelectual, espiritual e administrativo do Tibete.

O olhar de Sherab deixa a clarabóia e se volta para seu copo de leite quente. À sua direita está Rugen, o filho de um mercador de especiarias do Vale Kyichu, e em frente a ele estão os dois irmãos Sonam e Wendo. Todos os quatro estão bebendo chá e leite. Todos os quatro viram seus pais serem massacrados pelos chineses.

Enquanto os dois irmãos, que são cavaleiros distintos, vivem do outro lado do subúrbio de Ba Na Shod, Sherab não pode deixar de pensar em sua chegada a Lhasa com seu pai enquanto ele os observa.

Eles tinham passado por estas favelas depois de atravessar a ponte Mindol. Oito invernos atrás, era o ano da Lebre da Terra. Eles tinham vindo de sua nativa Nyarong, uma das primeiras províncias do leste a ser ocupada. Para o povo de Nyarong, assim como para aqueles em áreas remotas, ver Lhasa era um sonho que tinha que se tornar realidade pelo menos uma vez na vida.

Sherab não ouve mais seus companheiros nesta taberna barulhenta e irrespirável. Eles têm uma discussão animada sobre os últimos eventos e, acima de tudo, sobre a melhor maneira de resistir...

Então o Sherab se lembra.

\*

Isto aconteceu em 1951, e alguns meses depois, os chineses invadiram o Tibete com um exército de 40.000 homens, incluindo 8.000 tibetanos recrutados à força. O General Zhang Guoba atravessou o rio Yangtze sem dificuldades, resultando em um massacre, onde dois terços do pequeno exército tibetano desapareceram.

Este desastre, no entanto, não pôs fim às peregrinações a Lhasa. O Sherab, portanto, participou. No entanto, mesmo com esse desastre, as peregrinações a Lhasa não cessaram. Sherab, portanto, decidiu participar.

Seu pai, irmão e líder do clã se despediram da aldeia, prometendo acender muitas lâmpadas de manteiga nos templos da cidade sagrada. Um punhado de homens armados os acompanhou, selando os melhores cavalos e carregando as mulas mais fortes. A caravana seguiu a rota norte, a mesma rota usada por milhares de monges ao longo das gerações para estudar em uma das três principais universidades monásticas de Lhasa. A jornada estava prevista para durar mais de quinze meses. Para financiar a expedição, eles conduziram negócios ao longo do caminho, carregando uma infinidade de bugigangas, pentes, espelhos, cintos de seda e brocados. Todos os dias, os viajantes acordavam ao amanhecer para tomar chá e tsampa antes de partir

para as colinas. Eles viajariam até que o sol estivesse alto, no céu claro. Depois procurariam um lugar para montar um novo acampamento.

Em intervalos regulares, a caravana fazia uma parada em mosteiros para que todos pudessem se lavar, curar e recuperar as forças. Após atravessar o rio Fantasma, fizeram uma longa parada em Kyikudo, uma antiga cidade comercial especializada em chá. Finalmente, por volta da oitava lua, exaustos, mas felizes, os peregrinos chegaram a Lhasa pela pequena ponte Mindol.